

Sindipetro **MG**

Boletim 08 - 17 DE MARÇO DE 2010

Sindicato dos Petroleiros de Minas Gerais

FUP CUT

Pagamento das Horas Extras Turno Feriado com dobra e/ou troca

O Sindipetro/MG recebeu reclamações sobre o pagamento das horas extras turno feriado quando o trabalhador troca ou dobra.

Em conversa com a gerência da Regap, ficou confirmado que o direito é de receber o pagamento de 8 horas no código de hora extra turno feriado e 8 horas com o código de dobra. E para que isso ocorra, é preciso que o supervisor lance da ODP corretamente.

Os companheiros devem ficar

atentos a este pagamento e qualquer dúvida procurar o RH da refinaria.

ODP's na Regap: tratamento diferenciado

Aqui cabe uma pergunta: Por que os operadores não têm o direito de preencher as suas respectivas ODP's a exemplo do que acontece na manutenção?

Atualmente, os supervisores preenchem as ODP's e os trabalhadores só têm a

oportunidade de discordar e questionar depois que as cifras são pagas ou não.

O procedimento correto seria: o operador, que é dono das marcações de ponto e possui responsabilidade e autonomia para isto, preencheria a ODP. O supervisor, por sua vez, poderia discordar e discutir com o operador a fim de esclarecer e chegar a um consenso, evitando desgastes e reclamações futuras.

Acidente: Reduc ainda contabiliza prejuízos materiais

A Reduc soma ao incêndio na subestação de energia do último dia 28/02, uma refinaria em que a manutenção não é satisfatória, deixando a desejar e faz até mesmo com que gerentes sejam pegos de surpresa.

No último dia 08/03, o gerente fez questão de operar o disjuntor e energizar a subestação de energia, mas ao apertar a botoeira de acionamento, ouviu-se um estrondo vindo da área externa da unidade. Era o transformador que havia explodido.

O Sindipetro Caxias diz que é a falta de manutenção nos equipamentos e instalações que geram as condições para os acidentes, como no caso do dia 28 que tem como possíveis causas a infiltração de água de chuva nos painéis elétricos da Casa de Força e a falta de investimento em manutenção.



A miséria moral de ex-esquerdistas

Emir Sader*

Alguns sentem satisfação quando alguém que foi de esquerda salta o muro, muda de campo e se torna de direita – como se dissessem: “Eu sabia, você nunca me enganou”, etc., etc. Outros sentem tristeza, pelo triste espetáculo de quem joga fora, com os valores, sua própria dignidade – em troca de um emprego, de um reconhecimento, de um espaçozinho na televisão.

O certo é que nos acostumamos a que grande parte dos direitistas de hoje tenham sido de esquerda ontem. O caminho inverso é muito menos comum. A direita sabe recompensar os que aderem a seus ideais – e salários. A adesão à esquerda costuma ser pelo convencimento dos seus ideais.

O ex-esquerdista ataca com especial fúria a esquerda, como quem ataca a si mesmo, a seu próprio passado. Não apenas renega as idéias que nortearam – às vezes o melhor período da sua vida -, mas precisa mostrar, o tempo todo, à direita e a todos os seus poderes, que odeia de tal maneira a esquerda, que já nunca mais recairá naquele “veneno” que o tinha viciado. Que agora podem contar com ele, na primeira fila, para combater o que ele foi, com um empenho de quem “conheceu o monstro por dentro”, sabe seu efeito corrosivo e se mostra combatente extremista contra a esquerda.

Não discute as idéias que teve ou as que outros têm. Não basta. Senão seria tratar interpretações possíveis, às quais aderiu e já não adere. Não. Precisa chamar a atenção dos incautos sobre a dependência que geram a “dialética”, a “luta de classes”, a promessa de uma

“sociedade de igualdade, sem classes e sem Estado”. Denunciar, denunciar qualquer indício de que o vício pode voltar, que qualquer vacilação em relação a temas aparentemente ingênuos, banais, corriqueiros, como as políticas de cotas nas universidades, uma política habitacional, o apoio a um presidente legalmente eleito de um país, podem esconder o veneno da víbora do “socialismo”, do “totalitarismo”, do “stalinismo”.

ESPETÁCULO

Viraram pobres diabos, que vagam pelos espaços que os Marinhos, os Civitas, os Frias, os Mesquitas lhes emprestam, para exibir seu passado de pecado, de devassidão moral, agora superado pela conduta de vigilantes escoteiros da direita. A redação de jornais, revistas, rádios e televisões está cheia de ex-trotskistas, de ex-comunistas, de ex-socialistas, de ex-esquerdistas arrependidos, usufruindo de espaços e salários, mostrando reiteradamente seu arrependimento, em um espetáculo moral deprimente.

Aderem à direita com a fúria dos desesperados, dos que defendem teses mais que nunca superadas, derrotadas, e daí o desespero. Atacam o governo Lula, o PT, como se fossem a reencarnação do bolchevismo, descobrem em cada ação estatal o “totalitarismo”, em cada política social a “mão corruptora do Estado”, do “chavismo”, do “populismo”.

Vagam, de entrevista a artigo, de blog à mesa redonda, expiando seu passado, aderidos com o mesmo ímpeto que um dia tiveram para atacar o capitalismo, agora para defender a “democracia” contra os seus detratores. Escrevem livros de

denúncia, com suposto tempero acadêmico, em editoras de direita, gritam aos quatro ventos que o “perigo comunista” – sem o qual não seriam nada – está vivo, escondido detrás do PAC, do Minha Casa, Minha Vida, da Conferência Nacional de Comunicação, da Dilma – “uma vez terrorista, sempre terrorista”.

Merecem nosso desprezo, nem sequer nossa comiseração, porque sabem o que fazem – e os salários no fim do mês não nos deixam mentir, alimentam suas mentiras – e ganham com isso. Saíram das bibliotecas, das salas de aula, das manifestações e panfletagens, para espaços na mídia, para abraços da direita, de empresários, de próceres da ditadura.

Vagam como almas penadas em órgãos de imprensa que se esfarelam, que vivem seus últimos sopros de vida, com os quais serão enterrados, sem pena, nem glória, esquecidos como serviçais do poder, a que foram reduzidos por sua subserviência aos que crêem que ainda mandam e seguirão mandado no mundo contra o qual, um dia, se rebelaram e pelo que agora pagam rastejando junto ao que de pior possui uma elite decadente e em vésperas de ser derrotada por muito tempo. Morrerão com ela, destino que escolheram em troca de pequenas glórias efêmeras e de uns tostões furados pela sua miséria moral. O povo nem sabe que existiram, embora participe ativamente do seu enterro.

***Emir Sader** é professor, sociólogo e cientista político, dirigente do Laboratório de Políticas Públicas da UERJ. Texto publicado originalmente em seu blog, na Agência Carta Maior.